

ATIVACÃO DE INFERÊNCIAS NA LEITURA DE PIADAS

Nair Rodrigues RESENDE
Ana Cláudia de SOUZA
(Universidade Federal de Santa Catarina)

MOARA

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é analisar e discutir a ativação de inferências necessárias à compreensão de textos escritos do gênero piada. A investigação se situa, portanto, no âmbito dos estudos em leitura. Foram avaliados 38 exemplares da revista *Seleções* publicados entre janeiro de 1997 e março de 2009. Das 346 piadas publicadas, apenas 31 respondiam aos propósitos da pesquisa, 10 das quais foram aleatoriamente selecionadas para análise. Tentaram-se buscar as expressões ativadoras de inferências descritas por Moura (2000); entretanto, percebeu-se que, embora as expressões ativem certas inferências, não são responsáveis pela compreensão do texto humorístico. O que efetivamente demonstrou estar envolvido nos processos de compreensão em leitura das piadas coincide com a sobreposição de *script*, espaço onde o humor parece se construir.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; compreensão; inferências; humor; piadas.

RESUMEN: El objetivo de esta pesquisa es analizar y discutir la activación de inferencias necesarias a la comprensión de textos escritos del género chiste. La investigación se sitúa, por lo tanto, en el ámbito de los estudios en lectura. Fueron evaluados 38 ejemplares de la revista *Seleções* publicados entre enero de 1997 y marzo de 2009. De los 346 chistes publicados, solamente 31 respondían a los propósitos de la pesquisa, 10 de los cuales fueron aleatoriamente seleccionados para el análisis. Se tentó buscar las expresiones activadoras de inferencias descritas por Moura (2000); mientras tanto, se percibió que, sin embargo las expresiones activen ciertas inferencias, no son responsables por la comprensión del texto humorístico. Lo que efectivamente demostró estar envuelto en los procesos de comprensión en lectura de chistes coincide con la sobreposición de *script*, espacio donde el humor se parece construir.

PALABRAS-CLAVE: Lectura; comprensión, inferencias; humor; chistes.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação faz parte de nossas vidas desde o momento em que nascemos. É por meio dela que entendemos o mundo e nos fazemos entender diante dele e das pessoas que nele vivem. Portanto, comunicar-se bem é imprescindível para um bom desenvolvimento do ser humano, já que vivemos em sociedade. Segundo Back e Souza (2001), é por meio da linguagem que acontece a integração entre os indivíduos que dominam a mesma língua, e uma das formas de comunicação por meio da linguagem é o texto escrito. A escrita se tornou, em nosso meio, um bem social imprescindível para o enfrentamento cotidiano, não por imanência, mas por ter penetrado e impregnado as culturas de modo geral (MARCUSCHI, 2007).

O domínio da escrita e da leitura é um importante meio de circulação e ascensão social, uma vez que fazemos parte de uma sociedade letrada em que o código escrito passou a ocupar um lugar de destaque na comunicação e interação. Segundo Souza (2004, p.17), essa imersão no universo da escrita subentende um grande número de indivíduos letrados; entretanto, o domínio efetivo da leitura continua sendo um propósito ainda não alcançado, uma vez que ler não é simplesmente decifrar o código escrito nem atribuir qualquer significado a ele. A leitura consiste em um:

[...] processo individual de construção de sentido do texto escrito, em que são trazidos à tona o conhecimento linguístico, as habilidades específicas à tarefa, as intenções do leitor, suas capacidades cognitivas e metacognitivas, seu conhecimento prévio acerca do assunto e do gênero discursivo e o próprio texto. (SOUZA, 2004, p 17).

Partindo desse conceito, percebemos que é desnecessário (e impossível até!) que o autor explicita tudo no texto, pois muito pode ser previsto e suposto pelo leitor. Entretanto, essas previsões e suposições não ocorrem sem critério ou em qualquer lugar; elas ocorrem nos espaços onde o leitor precisa preencher uma lacuna com a informação necessária à compreensão, onde há acionamento

de conhecimentos prévios relevantes à construção de sentidos e ao alcance dos objetivos.

Moura (2000) divide a suposição, a qual chama inferência, em pressuposição e acarretamento, definindo o primeiro como a informação que pode ser inferida do conteúdo explicitado no texto (o posto) e o segundo como um tipo de inferência pragmática baseada na intenção do falante. Em alguns gêneros discursivos como, por exemplo, as piadas, a compreensão total do texto se dá por meio de inferências. É preciso que o leitor detecte o que está implícito e complete o significado. Quando a inferenciação não ocorre, a piada se torna sem sentido, e o leitor não a compreende como tal.

Possenti inicia seu livro *Os humores da língua* (1998) dizendo que existem várias razões para o uso de piadas como material de análise. Primeiro, ele elenca três motivos: a) praticamente só existem piadas sobre temas controversos, b) elas produzem estereótipos representativos e c) revelam discursos não explicitados correntemente. Além dessas três razões, o autor afirma que há outra ainda mais forte para que se tomem as piadas como objeto de estudo: o ponto de vista linguístico. As piadas são textos reais que mostram com clareza o funcionamento da língua em uso.

Muitos são os trabalhos existentes que usam textos humorísticos como *corpus* de análise; todavia, a maioria dos pesquisadores os analisa do ponto de vista filosófico, psicológico, sociológico, cultural, entre outros, buscando o significado em campos diferentes do linguístico. Possenti (1998) assevera que o motivo para que isso aconteça é o fato de as questões linguísticas parecerem óbvias, quando na verdade não o são. Freud (2009) (, em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* , faz uma análise psicanalítica dos chistes, mas considera a linguagem como um dos principais fatores para que eles ocorram, pois é por meio dela que um simples enunciado adquire o caráter chistoso.

De acordo com Possenti (1998, p.39), “as piadas fornecem excelentes argumentos para distinguir diferentes atividades no

interior da atividade de ler". Acreditando nisso, esta pesquisa¹ visa analisar os aspectos da leitura na linguagem intencionalmente humorística dos textos selecionados. Especificamente, o propósito desta investigação é examinar e discutir a ativação de inferências nos textos do gênero piada.

2 TRIANGULAÇÃO EM LEITURA

De acordo com Koch e Elias (2006, p.9), as perguntas *O que é ler? Para que ler? Como ler?* podem ter diferentes respostas dependendo da concepção de leitura que se tenha, que é decorrente também da concepção de sujeito, de língua, de texto ou de sentido que se adote. Para as autoras, pode-se conceber a leitura de formas diferentes tendo como foco o autor, o texto ou a interação dos dois com o leitor.

Segundo Leffa (1996, p.9), existem quatro definições de leitura: uma geral, duas específicas e uma conciliatória. A visão geral compreende a leitura como um todo e diz que ler é olhar para uma coisa e ver outra. As visões específicas focalizam uma o texto, outra o leitor como centro do processo. Já a quarta definição diz que o leitor produz o significado junto ao texto, que deve trazer os elementos necessários à compreensão, cabendo ao leitor, de acordo com os seus propósitos, completar as lacunas deixadas pelo autor.

Na visão geral de Leffa (1996), a definição de leitura é genérica e serve de base para qualquer definição específica que se adote. Essa abordagem define leitura como um processo de representação que envolve a visão e se caracteriza por uma triangulação: ler é olhar para uma coisa e ver outra. Essa visão de leitura serve não apenas para a linguagem escrita, mas também para sinais não linguísticos, como o passado de um povo pelas ruínas da cidade, por exemplo.

¹ Pesquisa de pós-graduação, inédita e não publicada, realizada pela primeira autora sob a orientação da segunda, em 2009. O artigo aqui apresentado foi retextualizado para fins desta publicação.

O processo de triangulação é essencial. Segundo Leffa (1996, p.11), sem que ele aconteça, não há leitura; há somente uma tentativa. Esse processo de triangulação pode ser metaforicamente descrito como a visão de um espelho onde o que se vê não é a realidade, mas apenas um reflexo dela, a partir de um enquadramento e de um olhar. Dessa forma, ao se deparar com um texto escrito, o leitor não vê o código, mas (re)constrói o significado representado por ele.

Em uma posição conciliadora, quando se focaliza a interação autor-texto-leitor, em uma dada situação, os sujeitos se constroem e são construídos no texto por meio da interação linguística. O conhecimento sociocognitivo dos participantes da interação é levado em conta na detecção dos implícitos necessários à formação de sentido do texto. O leitor interage com o texto podendo aceitar ou não as ideias do autor.

A concepção de leitura adotada por Koch e Elias (1999) é a de interação entre autor, texto e leitor para construção de sentido. Segundo as autoras, na interação com o texto é necessário que o leitor use estratégias como seleção, antecipação, inferenciação e verificação. Ao ver o texto, o leitor levanta hipóteses sobre o que espera encontrar e vai verificando a confirmação ou não delas ao longo da leitura.

Essas estratégias utilizam vários tipos de conhecimentos armazenados nos sistemas de memória do leitor, de forma eficiente, flexível e extremamente rápida. As autoras dividem esses conhecimentos em três grandes sistemas: linguístico, enciclopédico e interacional. Para compreender o texto, o leitor utiliza estrategicamente esses três grandes sistemas de conhecimento, de forma rápida, automática e simultânea.

Conforme a visão conciliatória, ler não é atribuir significado ou extraí-lo do texto, mas interagir com ele, ainda que o texto seja um produto e, por isso, materialize-se como algo estático e pronto, uma vez publicado. Todavia, à medida que a leitura avança, segundo

as intenções, os objetivos e as condições do leitor, são acionados conhecimentos que dialogam entre si a partir do texto e na direção dele. Por este motivo, não pode haver apenas um pólo da leitura (texto ou leitor), e não basta somar as contribuições de cada um. É preciso também considerar o que acontece quando, onde e como leitor e texto se encontram.

2.1 INFERENCIAÇÃO EM LEITURA

De acordo com Liberato e Fulgêncio (2007), o leitor experiente não se concentra apenas no texto em si, mas faz previsões sobre o que espera encontrar no texto e faz inferências sobre o que foi dito. Para isso, precisa fazer uso da informação não visual e buscar dados no seu conhecimento de mundo para ligar uma sentença à outra, montando, assim, uma sequência textual lógica. De quanto mais informação não visual o leitor dispuser, mais eficiente e rápida será a leitura, pois ele precisará de menos informação visual para completar o sentido do texto. Isso acontece porque as informações não-visuais que possuímos reduzem o número de alternativas para a interpretação da informação trazida pelo texto, em um processo de inibição dos sentidos contextualmente incompatíveis.

Moura (2000) chama de conteúdo posto as informações visuais, aquelas trazidas explicitamente pelo texto. Quanto às informações implícitas, as inferências, o pesquisador as divide em dois tipos: implicatura/acarretamento e pressuposição. Pressuposto é o que pode ser inferido do posto (informação visual) e implicatura (ou acarretamento) é um tipo de inferência pragmática baseada na intenção do autor/locutor.

A diferença entre pressuposição e acarretamento é que este se perde com a negação do posto, ao passo que aquele continua necessariamente existindo. Ex: Pedro parou de fumar. Inferências: (1) Pedro fumava. (2) Pedro está livre do vício. Quando negamos o posto (Pedro não parou de fumar), a inferência de que Pedro fumava é mantida, mas a de que ele agora está livre do vício se perde.

Segundo Moura (2000, p.16), “a pressuposição deve ser parte do conhecimento compartilhado dos interlocutores”. Segundo ele, algumas expressões têm a função de ativar pressupostos, conforme brevemente descrevemos a seguir:

Descrições definidas: são formas de substituir o nome de um ser e lhe conferir existência. (João viu o homem com duas cabeças/ existe um homem com duas cabeças).

Verbos factivos: verbos que introduzem orações subordinadas (João lamentou ter bebido muito/ João bebeu muito). Os verbos factivos se dividem em dois tipos: os epistêmicos (compreender, saber, reconhecer, etc...) e os que indicam sensações ou emoções (lamentar, sentir, alegrar-se). Alguns dos verbos de sensações também atribuem valor ao fato acontecido (João ter bebido muito foi ruim).

Verbos implicativos: implicam algo. Exemplos: conseguir, tentar, esquecer [...]

Verbos de mudança de estado: deixar, começar, parar...

Iterativos: pressupõem acontecimento de algo que já aconteceu antes. Exemplo: O disco voador apareceu *de novo*.

Expressões temporais: Maria desmaiou *depois de* Encontrar João (Maria encontrou João).

Sentença clivada: É apresentada sob a forma: *Não foi X que* [...] Exemplo: *Não foi João que* brigou com Maria (alguém brigou com Maria).

Para que todas essas expressões cumpram sua função, é necessário que primeiramente o leitor aceite como verdadeiras as inferências ativadas. Para mencionar um exemplo, retoma-se a frase já citada: “Pedro parou de fumar”. Se é de conhecimento do interlocutor que Pedro não fumava, a informação de que ele parou de fumar não é aceita como verdadeira. Resumindo, se o pressuposto não for aceito, o posto também não será.

2.2 HUMOR E PIADAS: A NATUREZA DO TEXTO CONSIDERADO PARA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE INFERENCIAÇÃO EM LEITURA

As piadas são textos humorísticos bastante acessíveis ao público geral. Possenti (1998) enfatiza que se trata de excelente material de pesquisa, pois, além de apresentarem a língua no seu uso cotidiano, para entendê-las, os leitores devem fazer a leitura exigida por elas, mesmo que haja possibilidade de mais de uma leitura. Muitos pesquisadores desenvolveram trabalhos usando textos de humor como objeto de estudo, poucos, porém, os usaram para análise linguística.

Freud faz análise dos chistes, tipo de texto humorístico, analisando os aspectos linguísticos relevantes à compreensão do humor. O psicanalista divide os chistes em inocentes e tendenciosos. Esse último grupo veicula discursos não explicitados correntemente, mas que, em forma de chiste, circula sem muitos problemas. Usando humor, pode-se dizer que governantes governam mal, que crianças não são tão inocentes quanto se imagina, que alguns profissionais não são tão dedicados quanto deveriam, entre outros temas considerados tabus pela sociedade. No primeiro grupo (os inocentes), de acordo com o autor, podemos encontrar os chistes que tratam de linguagem.

Para entender melhor, citemos, como exemplo de piada tendenciosa, um chiste apresentado por Freud:

Um Sereníssimo estava dando uma volta por suas províncias e notou na multidão um homem, extraordinariamente semelhante à sua própria nobre pessoa. Acenou, convocando-o, e perguntou-lhe: 'Sua mãe esteve alguma vez a serviço do Palácio?' – 'Não, Alteza', foi a réplica, 'mas meu pai esteve' (FREUD, 2009, p.45).

Um exemplo de piada inocente que trata sobre a língua seria a mencionada por Possenti (1998, p. 31): "– Como se escrevia farmácia antigamente: – Com ph.– E hoje? – Com f. – Não, hoje se escreve com h."

As técnicas usadas na construção de uma piada variam. Freud (2009) analisa algumas e as divide em três grupos: Condensação, múltiplo uso de material e duplo sentido. Dentro do grupo duplo sentido analisado por Freud (2009), encontramos a subdivisão denominada por ele de duplo sentido com alusão. Esse subgrupo tem como característica a compreensão feita com base em uma inferência, que são fatores importantes dentro da leitura.

Vejam o seguinte exemplo de piada sobre pressuposição:

O rapaz vai passar por uma delicada cirurgia e o médico tenta tranquilizá-lo:

- Não tenha medo, companheiro. Sou muito experiente nessa área. Olhe bem para a minha longa barba e tenha confiança. Quando você voltar da anestesia, conversaremos.
- Após a cirurgia, o rapaz abre os olhos e depara com uma enorme barba. Não se contendo de alegria, ele exclama:
- Obrigado, doutor! Eu sabia que podia confiar no senhor!
- Que doutor que nada, homem! Eu sou São Pedro! (RIR ..., 2000, p. 57).

A inferenciação neste texto é de fundamental importância para a compreensão da piada, já que explicitamente não há nada que caracterize esse texto como humorístico. O texto passa a ser uma piada somente a partir do momento em que o leitor percebe que o médico não conseguiu cumprir o que prometera ao paciente, e que este morreu. Esse entendimento se torna possível somente com a expressão "sou São Pedro". Caso se substitua "sou São Pedro" por outra expressão que faça parte do contexto de um hospital, como "Que doutor que nada, homem! Eu sou o enfermeiro!", a piada se perde, pois não há mudança no foco e, a expectativa criada não é quebrada.

Além da inferência, as piadas também trabalham com sobreposição de *scripts*² (RASKIN, 1985 *apud* LINS e GONÇALVES, 2009), que seriam indispensáveis em textos humorísticos, pois é na

² *Script* se refere a esquemas cognitivos acionados pelo leitor durante o processo de leitura. (ROMÃO, 2005).

oposição dos dois *scripts* que o humor se constrói. Na piada citada, em princípio a barba branca pertence ao médico, e a história se passa em um hospital; na oposição dos *scripts*, que será chamada aqui de mudança de foco, a barba passa a pertencer a São Pedro, e o cenário passa instantaneamente a ser o céu.

3 METODOLOGIA

Para proceder à coleta dos dados, foram analisados 38 exemplares da revista *Seleções*³ publicados entre janeiro de 1997 e março de 2009. Das 346 piadas analisadas apenas 31 se encaixavam nos propósitos da pesquisa e, destas, 10 foram selecionadas aleatoriamente para análise. O procedimento de escolha dos dados seguiu o critério da inferenciação.

A revista *Seleções* foi escolhida por causa da grande tiragem e abrangência de circulação e porque, em todas as edições, traz seções com piadas. Os textos publicados são sempre enviados por leitores e divididos em quatro seções diferentes. Três dessas seções trazem histórias que se supõem reais. A seção escolhida para a coleta foi a quarta, que traz piadas fictícias.

Para um melhor entendimento da análise, as piadas são apresentadas e analisadas uma a uma, seguindo a ordem da publicação do periódico. Tenta-se identificar a inferência gerada pela piada, bem como a expressão geradora. Então, são descritos os supostos caminhos percorridos pelo leitor para compreender o texto.

³ Revista é publicada em mais de sessenta países e em dezenove línguas diferentes; cada país é responsável pela sua edição. Pelos sítios de diferentes países pode-se perceber que alguns artigos são publicados em mais de uma língua com atraso de alguns meses, o que é natural, já que se trata de países diferentes. Em contato com a empresa brasileira, soube-se que fica a critério dos editores a escolha dos artigos a serem publicados. Os editores podem decidir publicar um artigo internacional, já publicado em outro país, ou uma matéria local, que poderá mais tarde vir a ser publicada em outro país também. Segundo a editora Liane Mufarrej (2009, mensagem pessoal), o que os editores precisam respeitar é a peculiaridade de cada cultura.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Texto 1:

Carl e Abe, dois velhos torcedores fanáticos de beisebol, combinam que quem morresse primeiro tentaria voltar para contar ao outro se havia beisebol no céu. Uma noite, Abe passou para melhor enquanto dormia. Algum tempo depois, Carl ouviu algo que se parecia com a voz dele.

— É você, Abe? — Perguntou.

— Claro que sou eu!

— Nem posso acreditar — assombrou-se Carl. — E então, tem ou não tem?

— Olhe, há boas e más notícias sobre isso — respondeu Abe. — As boas notícias são que há beisebol no céu, sim. As más são que amanhã à noite o rebatedor vai ser você. (RIR..., jan. 1997, p. 117)

Nesta piada, a compreensão exigida pelo texto é a de que Carl morrerá até a noite do dia seguinte. Explicitamente, isso não é afirmado pelo texto, mas o último período (“As más são que amanhã à noite o rebatedor vai ser você”) ativa a inferência. Para chegar a esse entendimento, é necessário que o leitor mantenha na memória a informação de que Abe morreu e que a partida acontecerá no céu. Retomando essa informação e acrescentando que Carl estará presente no jogo, entende-se que a única forma de isso acontecer é Carl morrer também. Além disso, a partida tem data marcada, portanto a morte precisa ocorrer antes dela.

Texto 2:

Acompanhado de um advogado, o chefe do crime reúne-se com um contador.

— Cadê os três milhões do desfalque que você deu? — pergunta o bandido ao contador. — Onde estão os três milhões?

O contador fica em silêncio e o advogado explica:

— Senhor, o homem é surdo. Permita que eu traduza.

Então, usando a linguagem dos surdos, o advogado pergunta ao contador sobre o dinheiro e transmite a resposta:

— O contador não sabe nada sobre o assunto.

Furioso, o chefe puxa um revólver e põe na cabeça do contador, berrando para o advogado:

- Pergunte de novo onde está o meu dinheiro!
- Está bem, está bem – o contador surdo enfim sinaliza de volta.
- O dinheiro está escondido atrás do quartinho de ferramentas no quintal da minha casa.
- O que ele disse? – pergunta o chefe, enraivecido.
- E o advogado responde:
- Ele disse que o senhor não tem coragem de puxar o gatilho (RIR ..., 2000, p. 58).

Para entender esta piada, a inferência necessária é a de que o advogado ficará com todo o dinheiro do desfalque. A pista textual deixada para que a inferência seja ativada é encontrada na última linha do texto (“Ele disse que o senhor não tem coragem de puxar o gatilho”). É necessário, para chegar a essa compreensão, que o leitor retome a informação de que o contador era surdo-mudo e que o único que o entendia era o advogado. Transmitindo a informação incorreta e fazendo com que o contador morresse, a única pessoa a ter acesso ao dinheiro era o próprio advogado.

Nesta piada, assim como na primeira, o foco precisa ser trocado para que haja compreensão e geração de humor. Na primeira, o foco inicial era o jogo de beisebol, mas a inferência se referia à morte. Nesta, inicialmente, o leitor focaliza o contador como ladrão, mesmo sabendo que o roubo foi cometido pelo chefe, depois o foco muda para o advogado, que é quem, por fim, fica com o dinheiro.

Texto 3:

- Deus cobriu a Terra com vegetais de toda sorte, para que o homem tivesse uma vida longa e saudável.
- Mas o diabo inventou o *cheeseburger* e perguntou ao homem:
- Batatas fritas para acompanhar?
 - E o homem respondeu;
 - Uma porção grande.
 - E o homem engordou.
 - Deus criou o iogurte natural e o diabo congelou o iogurte, adicionando chocolate, nozes e granulados. E o homem engordou mais.

- Aí, Deus inventou o tênis de corrida e o homem decidiu perder os quilos extras. Mas o diabo inventou o controle remoto e os biscoitos. E o homem aceitou o controle remoto e comeu os biscoitos.
- O homem sofreu uma parada cardíaca. Deus suspirou e inventou a cirurgia de ponte de safena. Então o diabo criou o plano de saúde [...] (RIR..., 2004, p. 95a).

Esta piada opera com a dicotomia bem/mal, bom/ruim. Dependendo das crenças religiosas do leitor, a inferência gerada pode ser uma ou outra, quando se olha superficialmente o texto. O discurso mais conhecido e aceito por grande parte da população versa sobre a bondade de Deus e maldade do Diabo; portanto, em uma análise superficial, a primeira inferência ativada é a de que planos de saúde são ruins, já que foram criados pelo Diabo, e que supostamente é a expressão que ativa a inferência. Entretanto, em uma análise mais atenta, percebe-se uma quebra de expectativa que provoca não o riso, mas uma reflexão acerca do que se entende por bom ou ruim.

A mudança de foco nesta piada é maior que nas duas anteriores. O leitor espera que o item criado pelo Diabo seja algo ruim, mas o que acontece é exatamente o contrário, o que o Diabo cria é bom, é atrativo e, conseqüentemente, de uso comum, muito fácil de ser encontrado. Entende-se depois que não só a última frase, que em princípio ativava a inferência, é responsável por ela, mas todo o texto em questão.

Texto 4:

- Três filhos saíram de casa, conseguiram bons empregos e prosperaram. Anos depois, eles se encontraram e estavam discutindo sobre os presentes que haviam comprado para a mãe, já bem idosa.
- O primeiro disse:
 - Comprei uma mansão enorme.
 - O segundo disse:
 - Mande para ela um Mercedes zerinho.
 - O terceiro sorriu e disse:

— Mandei para ela um papagaio marrom raro que consegue recitar a Bíblia do início ao fim. Foram 12 anos de treinamento num mosteiro por 20 monges diferentes. Eu tive de doar 100 milhões de dólares por ano para o mosteiro durante 10 anos, mas valeu a pena. Tempos depois, os filhos receberam da mãe uma carta de agradecimento pelos presentes:

“Antônio, a casa que você comprou é muito grande. Moro apenas num quarto e tenho que limpar a casa toda.”

“Alberto, eu estou muito velha para sair de casa e viajar. Fico em casa o tempo todo e nunca uso o Mercedes que você me deu.”

“Querido André, você é o único filho que teve bom senso para saber do que sua mãe realmente gosta. Aquele franguinho estava delicioso, muito obrigada”(RIR..., 2004, p. 49b)

Nesta, diferentemente das anteriores em que a inferência era ativada por um período inteiro ou por todo o texto, a chave está na palavra “franguinho”. O adjetivo “delicioso” contribui para a compreensão de que a ave foi comida, mas a troca de “papagaio” por “franguinho” é a responsável pela ativação da inferência. O leitor, para entender a piada, precisa usar o conhecimento enciclopédico de que, diferentemente dos papagaios, frangos se comem.

Texto 5:

Depois do trabalho, na noite de sexta-feira, em vez de ir para casa, um homem seguiu para o bar com os amigos e se deixou convencer a passar o fim de semana pescando. Quando voltou afinal na noite de domingo, tendo gastado o dinheiro da semana em isca e cerveja, encontrou a mulher enfurecida.

— Como você se sentiria se passasse dias sem me ver? – gritou ela.

— Nada mal – respondeu ele.

A segunda-feira passou, e ele não a viu. A terça e quarta foi o mesmo, mas na quinta-feira o inchaço já tinha cedido o suficiente para ele avistá-la com o olho esquerdo. (RIR..., 2004, p. 49b).

Aqui, como no texto anterior, uma única palavra basta para a ativação da inferência. Não se nega, evidentemente, a importância de toda a piada; entretanto, quando o leitor lê a palavra “inchaço” já entende a mulher bateu no marido. O conhecimento enciclopédico

do leitor é o responsável pelo entendimento de que o marido recebeu um soco, já que este tem como característica o inchaço nos olhos.

Texto 6:

Ao voltar para casa, a mãe quer saber o que os filhos fizeram durante o dia.

— Eu lavei os pratos – falou Mariazinha.

— Eu enxuguei – disse Lurdinha.

— E eu juntei os cacos – completou Juquinha (RIR..., 2008, p. 133c)

Nesta piada, aparece uma expressão diferente das anteriores. O verbo “juntei”, segundo a definição de Moura (2000), pode ser classificado como verbo implicativo e ativa a inferência de que os cacos estavam espalhados. Não se nega aqui que a inferência realmente ocorra; entretanto, essa não é a inferência necessária à compreensão da piada.

Se o texto parasse no verbo ou se o complemento deste fosse trocado por lixo, por exemplo, a piada não faria sentido, pois a quebra da expectativa não ocorreria. Apenas se constataria que os três estavam ajudando a mãe. É a palavra “cacos” que diz ao leitor que a contribuição das crianças não foi tão grande assim, já que os pratos foram quebrados.

Texto 7:

Um pastor pergunta aos paroquianos:

— O que vocês gostariam que dissessem quando estiverem no caixão?

Um deles responde:

— Gostaria que dissessem que fui um bom pai de família.

O outro diz:

— Gostaria que dissessem que ajudei as pessoas.

E um terceiro diz ainda:

— Pois eu gostaria que dissessem: “Vejam! Ele está se mexendo!” (RIR ..., 2008, p. 104d)

Têm-se, nesta piada, duas inferências. Uma superficial, outra de nível mais profundo, ambas ativadas pela mesma expressão:

“Vejam! Ele está se mexendo!”. Num primeiro momento, o leitor entende que se “ele está se mexendo” é porque ainda está vivo, já que o conhecimento enciclopédico do leitor avisa que mortos não se mexem.

Com essa informação, o leitor retoma a que já possuía, de que essa frase é a que o paroquiano gostaria que dissessem em seu velório, e compreende que ele queria estar vivo. A mudança de foco aqui, como em todas as outras piadas, também é muito significativa, pois o leitor somente é capaz de fazer a inferência se fizer a leitura exigida pela piada. Cria-se a expectativa de que o terceiro homem também falará sobre algo importante que fez quando estava vivo; entretanto, ele deixa entender que gostaria de ainda estar.

Texto 8:

Um ator desempregado entra no zoológico procurando trabalho:
— Uma de nossas atrações principais, o gorila, acabou de morrer – diz o gerente. – Pago para você colocar essa fantasia e fingir que é um macaco.

O ator concorda e vai para a jaula divertir os visitantes, que não desconfiam de nada. Mas eles logo ficam entediados e vão ver o leão, que está ao lado. Com medo de perder o emprego, o ator escala a parede que os separa e começa a se balançar perto do leão. Isso deixa o animal furioso, mas agrada os visitantes. Então, ele faz a brincadeira todos os dias e atrai multidões. Um dia, perde o equilíbrio e cai na jaula do leão. O animal o persegue e ele começa a gritar:

— Socorro! Socorro!

O leão pula em cima dele e fala:

— Cale a boca, idiota! Quer que eles demitam a gente? (RIR ..., 2008, p. 105d)

A fala do leão, na última linha do texto, deixa claro que ele também era um ator, que o zoológico era, na realidade, uma farsa. Para chegar a essa conclusão, o leitor precisa retomar a informação de que o macaco era um ator contratado pelo gerente para substituir o gorila e uni-la ao seu conhecimento enciclopédico de que animais não falam.

Há piadas em que um mundo imaginário onde animais falam é criado. Nesta piada, tal interpretação não é possível, é necessária uma mudança de foco para que se possa fazer a interpretação correta. É preciso deixar a concepção que temos de zoológico e assumir a concepção de representação. Uma representação bastante convincente, que engana até os próprios atores.

Texto 9:

— Como foi o encontro com aquele cara que você conheceu pela internet?

— Foi péssimo. Ele apareceu em um Rolls-Royce de 1932.

— Ué! Que mal há nisso?

— Ele é o comprador original (RIR ..., 2008, p. 125e).

A última frase do texto (“Ele é o comprador original”) aliada ao ano e marca do carro ativa a inferência de que o homem era muito velho. O interessante nesta piada é que, se a data e a marca do carro fossem mudadas ou se a piada tivesse sido contada em meados do século XX, o efeito provocado não seria o mesmo.

Texto 10:

O jornalista ambulante grita:

— Extra! Extra! 50 pessoas enganadas por um vigarista! 50 pessoas enganadas por um vigarista!

Curioso, um homem compra o jornal, mas acaba reclamando:

— Ei, aqui dentro não tem nada sobre as 50 vítimas de um vigarista!

— Extra! Extra! 51 pessoas enganadas por um vigarista! (RIR ..., jan. 2009, p. 112).

A inferência necessária à compreensão desta piada é a de que o próprio jornalista é o vigarista anunciado. Também aqui a mudança de foco e a quebra da expectativa criada são necessárias para que a piada seja compreendida. Se o leitor não aceita, não se dá conta da mudança de foco, a inferência não pode ser ativada, e o efeito de humor não se mantém.

Neste caso, a inferência é ativada pela mudança do número de pessoas enganadas pelo vigarista. Se o número continuasse o mesmo, a expectativa de que há uma matéria no jornal que trata de um golpe não seria quebrada e a piada não faria sentido.

Em todas as piadas, pode-se observar que a mudança de foco coincide com a ativação da inferência, assim como a compreensão dessa inferência, e conseqüentemente da piada, depende do conhecimento enciclopédico, do conhecimento de mundo do leitor. Somente em uma piada, a das crianças ajudando na manutenção da casa, encontrou-se uma expressão descrita por Moura (2000); entretanto, a inferência ativada por ela não era a responsável pela compreensão do texto como texto humorístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Moura (2000), o resultado esperado nas análises das piadas seria a identificação de um grupo de expressões definidas que fossem responsáveis pela ativação de determinadas inferências, sempre que aparecessem em um texto. Entretanto, percebe-se que a mudança de foco, ou sobreposição de *script*, e a quebra da expectativa criada pelo leitor são responsáveis pela transformação do texto em piada. Somente quando o leitor muda o foco da leitura é que ocorre a quebra da expectativa e a ativação da inferência.

Observou-se ainda que todo o texto contribui para a ativação relevante da inferência, confirmando o que afirmam Koch e Leffa, porém, em todas as piadas, a expressão que a ativa é localizada nas últimas linhas do texto. Essa localização é importante, uma vez que, pelo que se pode perceber, é com a ativação da inferência que o possível riso é desencadeado.

REFERÊNCIAS

- BACK, E.; SOUZA, A. C. *Prática de leitura e produção de texto: curso de Língua Portuguesa para universitários*. Criciúma: UNESC, 2001. v.1.
- FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Disponível em: <http://www.cipedia.com/web/FileDetails.aspx?IDFile=101731> Acesso em: 12 jan. 2009.

- HOUAISS, A. (Ed.). *Houaiss*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/> Acesso em: 10 maio 2009.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996.
- LEFFA, V. J.; PEREIRA, A. *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999.
- LIBERATO, Y.; FULGÊNCIO, L. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2007.
- LINS, M. da P. P.; GONÇALVES, L. S. *Estratégias discursivas da construção do humor em cartuns educativos*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiicnlf/textos_completos/Estrat%C3%A9gias%20discursivas%20da%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20humor%20em%20cartuns%20educativos%20-%20MARIA%20DA%20PENHA.pdf. Acesso em: 17 abr. 2009.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARQUES, M. H. D. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MOURA, H. M. de M. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 2000.
- MUFARREJ, L. *Publicação eletrônica [Mensagem pessoal]*. Mensagem recebida por: nairresende@uol.com.br em: 20 abr. 2009.
- PEREIRA JUNIOR, L. C. O Humor na informação. *Língua Portuguesa*, São Paulo, v.3, n. 40, fev. 2009, p. 18-23.
- POSSENTI, S. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- RIR é o melhor remédio. *Seleções da Reader's Digest*, Rio de Janeiro, p. 117, jan. 1997.
- _____. *Seleções da Reader's Digest*, Rio de Janeiro, p. 58, ago. 2000.

- _____. *Seleções da Reader's Digest*, Rio de Janeiro, p. 95, maio. 2004a.
- _____. *Seleções da Reader's Digest*, Rio de Janeiro, p. 49, jun. 2004b.
- _____. *Seleções da Reader's Digest*, Rio de Janeiro, p. 133, jun. 2008c.
- _____. *Seleções da Reader's Digest*, Rio de Janeiro, p. 104-105, out. 2008d.
- _____. *Seleções da Reader's Digest*, Rio de Janeiro, p. 125, nov. 2008e.
- _____. *Seleções da Reader's Digest*, Rio de Janeiro, p. 112, jan. 2009.

RESENDE, Nair Rodrigues. *Expressões que ativam inferências em textos do gênero piada: uma contribuição aos estudos em leitura*. 2009. Monografia (Especialização Língua e Literatura) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2009.

ROMÃO, S. C. G. Onde está a graça: análise do nível (implícito, explícito e metaplcito) em que se processa a bissociação em textos humorísticos. *Letras & Letras*, jan./jun. 2005, p. 287-339 Disponível em: <http://www.letraseletras.ileel.ufu.br/viewissue.php?id=8#Artigos>. Acesso em: 17 abr. 2009.

SOUZA, A. C. *Leitura, metáfora e memória de trabalho: três eixos imbricados*. 2004. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SURDI, M. S. *Barão de Itararé: a linguagem do humor*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.